



Recebe-se artigos e desenhos dirigidos á
 direcção do «Cabrião» no escriptorio da rua
 Imperatriz n. 20, onde assigna-se e ven-
 de-se este jornal. O escriptorio está aberto
 Domingos, 2.^{as} e 5.^{as} feiras.

ANNO I
 N.º 49
 Preço 33123
 de 1893.

	PARA A CAPITAL.	PARA A PROVINCIA
Trimestre . . .	58000	Trimestre . . . 65000
Semestre . . .	95000	Semestre . . . 115000
Anno . . .	175000	Anno . . . 195000
Avulsos 500 rs.—Pagamento adiantado.		



A' gente desta laia é assim que se responde.

CABRIÃO

SÃO PAULO 15 DE SETEMBRO DE 1867.

Estamos arranjados!

Em relação á guerra está determinado que não ha meio de chegar a um fim senão por meio de paz vergonhoza.

O governo reconhece:—que a esquadra encouraçada é inutil:—que o exercito de terra não póde e não deve affrontar as estacadas e baterias que resguardam o inimigo.—e ainda mais, que os Estados Unidos torcem o nariz e fazem cara feia com o estipulado no tratado da triplice alliança.

Por outro lado o governo esconde tudo isto: procura abafar com pannos quentes as intrigas e odios argentinos que desmantellam a alliança: come com farinha as humilhações por que passam os generaes e razileiros: e gritam depois— que se ha perigos para a cauza nacional a culpa é da nação, que não tem patriotismo!

E' boa pilheria!

E os 100:000 homens que já forão para a guerra?

E os 50:000, mais ou menos, de entre esses, que já morrerão pela cauza da patria?

E os milheiros de familias que as exigencias da guerra deixaram na orphandade e na mizeria?

E os rios de dinheiro que hão sido esgotados em pura perda?

E o papel-moeda, que vac matar a riqueza particular e publica?

E os novos e onerosos impostos que vão pezar sobre todos e sobre tudo?

A paz vergonhoza será vergonhoza para o governo que não soube fazer a guerra, e que, no ultimatum— Saraiva, na estipulação do tratado da triplice alliança, e em todos os actos importantes e não importantes da guerra nada mais fez senão preparar a ruina do Brazil.

A nação é que tem direito de gritar.

A' nação, não ao governo, é que assiste o direito de castigar os que enlamearam o paiz, depois de exhaurir o sangue e a riqueza de seus filhos.

E a humiliação que tem de vir com a paz vergonhoza não pede vingança?

O Brazil ha de ficar mudo e quedo ante o dezastre?

Ha de curvar a frente submissa aos cauzadores de mal?

Bem se vê que não póde ser assim.

O Brazil não é um feudo; é nação soberana: pensa, ouer, manda, julga, premeia, condemna e castiga.

Ver'ha pois a paz vergonhoza, se é esse o unico resultado dos tamanhos sacrificios feitos pelo paiz e não aproveitados pelo governo; venha ella; mas que acompanhe-a de perto o tremendo castigo aos que a prepararão.

Gazetilha.

AOS HOMENS DO „YPIRANGA.“

O «Cabrião» não desce a responder aos á pedidos-pasquius com que os homens do «Ypiranga» pretendem fazer calar este jornal.

Fiquem scientes de que elles somente hão de ter resposta aos taes pedidos, ficando de parte os auctores d'estes.

Reflectam que tem telhados de vidros: que serão os unicos responsaveis por tudo: e que o «Cabrião» ha de dançar pela toada do minuete.

Ora muito bem!

NOTICIAS DO NORTE.—Vimos uma carta de Pernambuco em que se relata bem más novas.

A' ser exacto o que diz, ali refere o desgosto e prepara-se tudo para estronozas reacções contra a situação.

Refere-se ainda, que a Bahia vae no mesmo caminho, apesar da apparente tranquillidade official, e que as duas provincias tem os desgostozos em mutuas combinações, que podem dar em graves acontecimentos. attenta a sanha em que estão as massas populares, nas capitães e no interior.

IMMORALIDADE.—Com este titulo, alias muito bem applicado, encontramos o seguinte no «Diario de S. Paulo»:

«Lemos o seguinte em uma carta escripta do Rio de Janeiro:»

«No escriptorio do vapor Paulista, na rua dos Pescadores, vi uma portaria escripta pelo proprio punho do presidente d'essa provincia, mandando dar passagem, por conta do Estado, á familia de seu genro, de Santos para esta córte, no sobre dito vapor. Esta portaria foi vista tambem por differentes passageiros na viagem á bordo do vapor.

Como este facto deve ser apreciado «hi pelas pessoas que não acreditão em «certas probidades.» eu o communico para que vnc. de-lhe a devida publicidade.»

O «Cabrião» chama as vistas da promotoria para a averiguação do facto. A lei o manda.

BENTINHO CONTRA O RECRUTAMENTO.—Os agentes da situação, segundo nos consta, propalam na cidade, que não serão encommodados com o recrutamento e outras «urgencias da guerra» os que forem assignantes do «Ypiranga!»

Eis aqui um meio de popularizar um jornal, que nem ao diabo lembrava.

O que resta é ver, se os paulista tem medo da cuca, e cahem com os cobres.

Não dizemos que sim ou que não.

Estes paulistas de hoje não são de andar a gente a responsabilizar-se por elles, principalmente em materia de paciencia.

SOBRE A GUERRA.—Pessoa que está na córte escreve para esta á um amigo nos seguintes termos:

«Já estive com o Antonio Carlos, e lá encontrei o José Bonifacio. Ambos me affianção que a guerra só ha de acabar com uma paz vergonhoza para o Brazil.

«O Americo e o Crispiniano me disserão a mesma couza.

«Que lhe parece!

A ser assim, o que mais quer o governo? para que novas patacuadas? . . . »

THEATRO.—O Vasques fez o seu beneficio e despedio-se do publico. A enchente que teve e os applausos que lhe forão prodigalizados, dão a medida da sympathia que o distincto actor soube conquistar na Paulicéa.

O Cabrião o sauda e deseja-lhe feliz viagem.

CAUSA ASCO.—Sob este titulo publicou o «Diario de S. Paulo» de 11 do corrente as seguintes linhas:

«O sr. Tavares Bastos mandou comprar, pelos cofres policiaes, «trinta» bilhetes ds cadeiras para o espectáculo do dia 7 de Setembro, distribuindo-os por soldados, disfarçados a fim de «corresponderem» aos vivas dados a s. exc. Esses bilhetes só hontem forão pagos. A' que desgração chegou entre nós o poder publico, investido em certos individuos! Já admiravamos-nos—de que o sr. chefe de policia houvesse tido a coragem de dar «viva» ao sr. Tavares Bastos; a dignidade do povo desta capital está salva, os «vivas» erão «assalariados ou engajados.»

Isto lê-se, mas não se commenta.

E o «Ypiranga» não disse palavra! . . .

PROVOCAÇÃO.—O «El-Supremo» zangado porque os Paulistas todos não se lhe vão apresentar como voluntarios da Patria para completar os «mil soldados» que elle prometteu ao Ministerio, assentou de manda-los descompór pelo seu «Ypiranga,» em artigo editoral!

O orgão palaciano chega á insolencia de dizer que os Baihanos e Fluminenses devem fazer partir para o exercito suas mulheres e filhos, porque o povo paulista morreu!!! . . .

E quem manda isto escrever é um "figurinha de realejo" que zomba da paciencia do povo; e quem isto escreve são aquelles mesmos que venderão sua consciencia no balcão de Palacio!

Pizem o leão que dorme, srs. do «Ypiranga» dia virá, em que elle abrindo os olhos comprehenderá o seu dever.

NOTA.—Um «bicho» escreveu o seguinte em cada um de seus livros:

Costumes paulistas



O Sr. F, sua mulher, e seus 3 filhos



Primeiras lições de moralidade que recebem seus filhos por estarem aonde não devião estar



O Sr. F mandou chamar um maestro, para que sua filha soubesse bem tocar, o que faz o despejo da vizinhança



O menino e a menina são postos no collegio por serem muito travessos, e levados do diabo



A moça que se aborrece logo do piano descobrio, que estar a jantar era mais aprazivel. ja tem 2 namorados.



O namorado mais ouzado, faz do moleque da casa, seu recurso



Com a primeira carta quasi desmaiou de gosto

Costumes paulistas. - as visitas -



Depois de ter esperado 1/2 hora na escada, o visitante
ainda tem de esperar mais 1 hora na sala.



E o motivo é este.



A visita durou 5 horas: fallou-se em praza do mercado, Tavares
Bastos, Custos, Cangica, alambary com xuxu de, e convi-
davao-no a jantar no dia seguinte.



Conversa-se sobre a vizita que relinou-se



Obrigão o vizitante a comer por quatro, e contra a vontade, a pre-
texto de apreciar os petiscos especiais da terra.



Resultado dos petiscos.

continua.

«Todos os «meus» livros que não tiverem o meu nome no fim, «serão remittidos falsos.»

Observando-lhe um collega que com a redacção supra, não segurava seus livros, escreveu o «bicho» a contra-nota seguinte:

«Todos os «meus» livros que não tiverem o meu nome no fim «não são meus.»

ACADEMIA.—Consta-nos por pessoa fidedigna que o «Excellentissimo» pretende fazer recutar na Academia, estando já confeccionada a lista das victimas! Tambem era somente o que faltava!

MORTE A' IMPRENSA.—Os apaniguados da presidencia propalam, que esta encommoda-se com a imprensa que oppõe-se á seus projectos de fazer gente para a guerra; e affirmam, que, a não valerem outros recursos, serão as typographias inutilizadas e atacadas.

Talvez sejam trainas da imprensa assallariada, que não encontra apoio no povo, e que odeia de morte a concorrência dos outros jornaes, ao mesmo tempo que teme-lhes as verdades.

Que vão empenho!

Não lembrão-se que ha deffeza para as violencias! não lembram-se que é impossivel mordacar a imprensa quando ella está com a opinião publica!

ARMAM-SE.—Ouvimos dizer que os redactores da folha official andam agora de revolver e punal nos bolsos.

Que quer dizer isto?

Que razão allegarião á policia para obterem a respectiva licença?

Andarão acazo com sinistros projectos?

Serão antropophagos e bededores de sangue?

Meditarão assassinatos e sanguinolentas tragedias?

Moços! suspendei! . . .

Não mancheis vossas vestes candidas no sangue de Abel!

Seja a legenda de Caim o vosso espelho!

Piedade, mancebos! não truceis vossos irmãos!

Tende compaixão dos fracos e medrosos! . . .

Ao SR. CORINGA.—Não publicamos o escripto que nos foi enviado sob o titulo de «Memorial alagoano do

Coringa» por ser muitissimo estenso para ser dado de uma só vez em nosso jornal.

Seria antes proprio de um folheto.

Fica o manuscrito á dispozicão de seu dono em nossas mãos. O mais que podemos fazer é publicá-lo em avulso, se obtivemos auctorização.

Sobre isto aguardamos decizão para nosso governo.

OS MEDICOS TURCOS.—O exercicio da medicina na Turquia é submettido a uma responsabilidade muito singular.

Quando um Hyppocrates de turbante mata, por ignorancia, algum doente, é condemnado a trazer duas taboas ao pescoço guarnecidas de campiinhas.

Neste estado fazem-n'o passear pela cidade e de cada vez que pede que o deixem descansar, paga uma quantia consideravel.

A bulha que fazem as campainhas annuncia aos que passão quanto convém que elles se fiquem lembrando das feições do medico, para não tornarem mais a confiar sua vida a um homem que só lh'a pode abreviar.

Como seria tão bom que entre nós se praticasse o mesmo em relação aos nossos deputados.

BILHETES PARA O CÉO.—Em França circulam bilhetes de entrada para o céo, como no nosso paiz circulam bilhetes de beneficio. Não ha lugares reservados, e o numero dos admittidos é illimitado. A salvacão custa dez centimos. O individuo possuidor de um desses miraculosos bilhetes deve andar sempre com elle por não estar previamente determinada a occasião em que elle o deve apresentar a S. Pedro e de um momento para outro é necessario fazer uzo delle. São vendidos em muitas cidades do interior por agentes dos jezuitas e dizem textualmente:—Bilhete de entrada para o céo, merecido na escola da paciencia.

Vamos mandar buscar alguns bilhetes para nós e nossos amigos, mas na esperanza de nos servirmos delles o mais tarde possivel.

A' JUAREZ

Mais que la leçon reste, éternelle et fatale
Aux nains, étrangers sur la terre natale
Qui font regner les rois pour leurs ambitions!

V. HUGO.

I

Ao sol americano, ao cantico dos mares,
Quem pôde ver a terra immensa dos palmares,
A frente altiva dar ao jugo do Senhor?
Quem manda o condor, nas plagas do infinito,
Não desprenda á rugir, por mollesde granito,
Um canto á liberdade, aos ventos do Equador?

E o povo não pergunte, ás margens do Oceano,
Que breme, a desferir em seu furor insano,
N'harpa da tormenta um hymno á criação:
Quando, Senhor virá por cima desses montes,
A luz que ha de fulgir em nossos horizontes,
O albor da redempção?

Quando, como o tufão passando em nossas matas,
Podereimos banhar a frente nas cascatas
Da luz das liberdades?

Quando dos grilhões pesados dos escravos
Rojaremos o pó, nós, que somos bravos,
Que herdamos—livres ser—das pristinas idades?

Aqui no nosso lar, no solo americano,
Quem pôde vir jungir o povo mexicano,
O mundo de Cortez?

Forjem-se os grilhões; a Europa nobre e altiva
Nos mundos de Colombo abater-se-ha captiva,
Aos pés de Juarez!

E as tribus se erguerão! . . . e a santa voz dos bardos
O peito animará dos poviléos bastardos,
Que dão o pulso ao ferro, a frente á escravidão!
S'algueim adormecer á sombra dos combates,
Quando o tufão rugir das luctas nos embates,
A' este o povo inteiro exclame: maldição!

O povo é como a kattrá ardente do deserto,
Busca a liberdade aos sons do vento incerto,
E só curva a cerviz á luz que vem de Deus!
E quando acaso jaz no veu do pesadello,
Um dia surgirá ás gerações mais bello,
Se arremessando aos céus!

Então a populaça, ás vozes do poeta,
Que, em meio ás multidões converte-se em propheta,
Um mundo alem verá d'esplendidos clarões!
O povo a se banhar no mar da liberdade,
Deus dando ao homem luz,—um verbo á humanidade
A Biblia, ás gerações!

E nos no nosso lar, na terra americana,
Quem pôde vir jungir a raça mexicana,
O mundo de Cortez?
Forjem-se os grilhões, e a Europa nobre e altiva,
Nos mundos de Colombo abater-se-ha captiva
Aos pés de Juarez!

II

E tu, jaguar das selvas d'esses mundos,
Em que o Oceano no rugir das vagas,
Vem quebrar-se nas serras:
Eu te saúdo, Juarez, que adejas,
Tão alto como as nuvens, como as aves
Das mexicanas terras!

Nos matos d'amplidão desdobra as azas,
Condor do novo mundo! espanca as nevoas
Da immensa cerração!

Teu nome passará envolto em brilhos,
A' todas as idades—todo o orbe—
Na voz da multidão!

Quebraste os ferros, a nação é livre!
Honrem escravos, a vagar nas selvas,
Hoje—todos heróis!

Gloria á nação que se livrou do jugo!
Bençãos ao povo que limou cadeias!
Gloria a todos vós!

Adeja no infinito, bebe o sopro
Do canto das esferas, d'esses orbes
Que libram-se nos céus!
E mostra o mundo ás gerações futuras,
Que o povo americano só se curva
A' liberdade e a Deus!

ULYSSES VIANNA.

23 de Julho.

Lithotipo de H. Schroeder.

*Extração por estereotipo
Palmares
Comunidade*



Em rasão do recrutamento ainda veremos os homens
mettidos no matto.



E os bichos habitando a Cidade.

033843